

Bitributação de lucros e dividendos

» SACHA CALMON
Advogado



Não é adequado criar imposto sobre grandes fortunas, que inexistem em qualquer lugar do planeta nem tributar lucros e dividendos após a distribuição dos mesmos, depois que já sofreram a incidência do imposto de renda na empresa que produziu os resultados.

De um modo geral as técnicas de tributar visam atingir a renda ganha (juros, dividendos, vencimentos, salários, lucros, pensões aluguéis, proventos de aposentadoria, bilhetes de loteria, diferença entre a compra e a venda de certos bens etc.) ou então a renda gasta nos atos de consumir bens e serviços, bem como o patrimônio móvel ou imóvel dos contribuintes.

Estas técnicas são vistas em todos os estados que dividem o planeta Terra. Fora disso aplica-se, aqui e acolá, alguns impostos heterodoxos, caso do IOF no Brasil, sobre transações financeiras ou então a maluquice do imposto único somente cogitável no Brasil.

Todo aumento da carga tributária é precedido de campanhas nas mídias sociais invocando as necessidades da população relativas à saúde, educação saneamento, moradia e transporte camadas mais necessitadas das sociedades humanas subdesenvolvidas.

Em princípio essas carências devem mesmo ser atendidas pelo Estado, mas seu incorrer em erros grosseiros e injustos, pois a carga dos tributos sobre os agentes econômicos acaba sendo repassada para cidadãos a só tempo empregados e consumidores de bens e serviços.

Está na ordem do dia a tributação das “grandes fortunas” e a “bitributação” de lucros e dividendos.

Sobre ditos assuntos vamos agora opinar e oxalá sejamos ouvidos.

A motivação para o acréscimo dessas duas novas formas de tributar viria principalmente da área da saúde.

O Ministério da Saúde não informou quantas doses de vacina podem ser desperdiçadas nos próximos meses ponto em nota, por meio da assessoria de imprensa, comunicou que a legislação atual a seguro sigilo das informações. “De acordo com a lei 12.527 de 2011, o grau de sigilo do banco de dados de insumos estratégicos da pasta reservado. A medida visa garantir a proteção dos dados”, diz anota. Havia uma estimativa de que o prejuízo com o descarte de vacinas poderia alcançar até R\$ 2 bilhões. O prejuízo estimado havia sido repassado ao grupo de transição durante reunião de integrantes da equipe do nosso governo com o presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), Bruno Dantas.

O corpo técnico do TCU está tendo dificuldades para acessar os dados do ministério em razão do sigilo ponto no início da semana passada, durante a reunião com o ministro Marcelo Queiroga, a equipe de transição havia cobrado do governo a compra de vacinas bivalentes contra a covid-19.

Na sexta-feira, o ministério assegurou que o primeiro lote do imunizante bivalente da Pfizer contra a covid 19 chega ao país em dezembro. Não foi detalhado, no entanto, quantas doses virão e qual público será contemplado.

A vacina bivalente é considerada um

imunizante de segunda geração contra a doença. Ela contém uma mistura de cepas do coronavírus e garante uma mal proteção contra variante ômicron, responsável por uma grande onda de mortes e infecções no país.

A equipe de transição alertou para a possibilidade de uma nova onda da covid no Brasil. No momento, o país apresenta um baixo índice de aplicação das doses contra a doença ponto de acordo com os dados mais atualizados do consórcio de veículos de imprensa, somente 49,4% dos brasileiros tomaram a dose de reforço.

Na semana passada, o grupo técnico se reuniu com profissionais ligados à área da saúde mental ponto no período da tarde, uma oficina de trabalho no plenário da sede da Opas/OMS, em Brasília, ouviu diversas autoridades em saúde pública sobre SUS e Programa Nacional de Imunização.

As grandes fortunas sabem onde estão os “paraísos fiscais” (evasão).

Cogita-se tributar os lucros e dividendos percebidos por cotistas e acionistas. Nesse campo é preciso cautela para evitar a evasão fiscal e disputas judiciais.

Partindo de um montante base os países adotam 3 métodos: (a) tributar na empresa e no acionista; (b) só o acionista e; (c) só a empresa, nosso caso atualmente, o que evita a sonegação. E tem mais, tributar na empresa e os lucros quando distribuídos e bitributação. É tolice dizer que são pessoas diferentes. A empresa é uma abstração. O lucro é dos donos quando gerado e quando distribuído. A realidade se impõe soberana abusivas distinções teóricas.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A bola e a tribuna

Enquanto a bola que animava os brasileiros para de rolar nos estádios do Catar, o Brasil continua a viver as surpresas do dia seguinte. Nem as últimas votações no parlamento, nem o recital de promessas dos postulantes para 2023 têm despertado a confiança da nação. O futebol insosso do escrete, “com chapéus” nos mais ingênuos parece só ter valor quando brasileiros jogam noutros times no exterior. As caras manjadas em todos os espectros deixaram de empolgar os brasileiros.

A decepção desde a última Copa do Mundo, no Brasil com os seguidos casos de malversação de recursos, construção superfaturada de estádios e outras falcaturas, tanto na CBF como na própria FIFA, além de jogos similares que já estimularam até a criação de uma CPI do Apito não retraído e constringendo o torcedor e matando aos poucos a esperança de um hexa.

Do mesmo modo, os escândalos, em sequência contínua, praticamente reduziram à pó a imagem que a população faz hoje de alguns jogadores e também de alguns políticos. O desencanto geral vem também da encenação e das mentiras, quer dos jogadores que se jogam ao chão procurando vantagens e faltas inexistentes, quer da atuação dos políticos, obrigados a desmentir, seus discursos descolados da prática.

A perda de credibilidade e o malabarismo nos pés e na retórica, vêm afastando fãs e eleitores. Ainda assim para o bem do esporte e da democracia, futebol e política devem prosseguir. Quem sabe, ali na frente, as coisas se arrumem e tudo passe a ser novo, limpo, honesto. No caso da política a coisa é mais complicada. Os representantes do povo não gostam das vozes roucas das ruas. Nem as gigantescas manifestações populares acendem o sinal de alerta para todos aqueles que ainda apostam no velho modo de fazer política.

Mesmo no futebol, já foi introduzido um segundo árbitro, chamado de VAR (Vide Assistant Referee), que auxilia o juiz em campo a tomar decisão em lances que geram dúvidas. Uma equipe de juizes e ex-juizes de futebol se postam numa central de vídeo, acompanhando a partida por diversos monitores desde o início. Um reforço na equipe é dado por técnicos em vídeos que destrincham as dúvidas escolhendo o ângulo perfeito, em câmera lenta e repetição da jogada. Assim, por comunicação via fone, o veredito é dado ao árbitro, que decide.

Interessante é que mesmo tendo tecnologia de ponta, revisão das imagens, transmissão das imagens para todo o estádio, os jogadores continuam a fingir, simular faltas e dissimular dores. No futebol, como na política, é preciso regras claras, honestas e precisas. Tanto nos campos, como nos palanques. Jogador que tomou cartão vermelho deve sair de campo. Sem possibilidade de busca de blindagem por foro de prerrogativa. O fato é que o mal desempenho nos campos e na tribuna tem desanimado os brasileiros, mesmo aqueles que não gostam de futebol e nem de política. Reverter essa situação extrema é que a jogada mais importante a ser feita agora.

» A frase que foi pronunciada

“No futebol, a cabeça é o terceiro pé.”

Stanislaw Ponte Preta

Surpresa

» Para chegar à Secretaria de Economia, o estacionamento é bem concorrido. Lavadores de carro sempre à postos, gentis, comercio improvisado atende às necessidades dos trabalhadores ao redor. Veja as cenas que assustaram os frequentadores daquele local, com um acontecimento inesperado. *No blog do Ari Cunha.*

Acredite se quiser

» Também no *blog do Ari Cunha*, a matéria original publicada no Expectador sobre uma das exigências de uma clínica alemã para realizar a morte assistida. É requisito para a operação que o paciente apresente comprovante de vacinação contra o coronavírus.

ABC Prodein

» Projeto Social Contrarturno Escolar, que oferece gratuitamente para a comunidade de baixa renda aulas de Informática, Música, Esportes, Jogos lúdicos, recreação, reforço escolar e alimentação precisa de doações. O endereço é na Área Especial 22 da Estrutural. Pix 982123736

ET

» Resolveram colocar no estacionamento do Sams um balanço para crianças. O lugar inédito, completo pelo gás carbônico, deve ter sido estabelecido por alguém que não conhece crianças.

Vai entender

» Um passo gigantesco para a humanidade a Embaixada de Portugal disponibilizar atendimento pela Internet. Acontece que depois de preencher todos os campos, conferindo números e datas de documentos a resposta vem como uma espada. Não há vagas.

» História de Brasília

Se a Novacap resolver importar pescado, nós teremos uma Semana Santa a muito menor custo de alimentação. Já que o assunto está entregue ao desenfreio, seria o caso de o sr. Laranja aproveitar e utilizar os mercadinhos da W-4. (Publicada em 14.03.1962)

Carbono, biodiversidade e água modelarão a agricultura do futuro

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisador da Embrapa Agroenergia

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU indicou recentemente que a cada grau centígrado de aquecimento da Terra a produção agrícola poderá ser reduzida de 10 a 25%, ampliando o desafio de alimentar a humanidade no futuro. Humanidade que acaba de chegar a 8 bilhões e avança na direção de 8,5 bilhões em 2030 e 9,7 bilhões de habitantes em 2050. Razão de sobra para pensar seriamente na superação da crise climática e em novas formas de produzir alimentos para uma população que, além de numerosa, será cada vez mais bem informada e exigente.

A agricultura e o sistema alimentar ocupam posição singular na complexa equação da sustentabilidade, pois, a depender da perspectiva analisada, podem ser taxados de vítimas ou vilões. Vítimas porque o aquecimento da atmosfera, dos oceanos e do solo tornam o clima menos estável e previsível, o que impacta diretamente a produção de alimentos. E vilões porque a agricultura e o sistema alimentar são grandes emissores de CO2, metano e óxido nítrico; contribuem para a perda de habitats e biodiversidade, além de serem grandes usuários de água doce, recurso essencial cada vez mais escasso.

Ao analisar as emissões de gases, a perda de biodiversidade e o uso competitivo da água associados à produção, mobilização e consumo de alimentos, muitos têm questionado se distribuição de cultivos agrícolas está otimizada em todo o mundo. Escolhas do que e onde cultivar dependem de fatores complexos — de natureza ambiental, cultural, tecnológica e comercial, além de aspectos como origem dos cultivos, clima, solo, acesso a fertilizantes, irrigação, mecanização, materiais genéticos melhorados, etc. Fatores tantos que podem tornar difícil o melhor ajuste das áreas de cultivo à realidade climática e a demandas de sustentabilidade.

No último dia 10 de novembro a prestigiosa revista britânica The Economist publicou um artigo sobre o assunto, destacando a controversa visão de que realocação de áreas de produção de alimentos poderá se tornar necessária para ajudar a conter a crise climática no futuro. O texto destaca estudos que indicam ganhos decrescentes na produção dependente de inovações como fertilizantes e genética, concluindo que uma parte surpreendentemente grande das terras agrícolas é usada para cultivos que não maximizam ganhos nutricionais ou econômicos.

Um desses estudos, publicado na revista Nature Geoscience (10:919, 2017), concluiu que a distribuição de cultivos ao redor do mundo não atinge produção aceitável nem usa o recurso água de forma racional. Os autores modelaram configurações alternativas da paisagem agrícola, indicando a possibilidade de cultivos de sequeiro e irrigados produzirem alimentos adicionais para até 825 milhões de pessoas, com reduções no uso de água da chuva e de irrigação em 14% e 12%, respectivamente. A redistribuição de cultivos proposta otimizaria a produção sem necessidade de investimentos maciços em tecnologia moderna, sem perda de diversidade de cultivos, sem expansão de áreas cultivadas ou impactos negativos na qualidade dos alimentos.

Outro estudo, publicado na revista Nature Communications Earth Environment (3:49, 2022), produziu um mapa mostrando onde as principais culturas alimentares do mundo poderiam ser realocadas para maximizar a produção e minimizar o impacto ambiental. Os cientistas analisaram 25 cultivos que respondem por cerca de 77% da produção global de alimentos, avaliando rendimentos e impacto ambiental nos locais atuais de produção. Depois avaliaram combinações otimizadas de locais e impactos, concluindo ser possível aumentar a captura de carbono e a

biodiversidade e reduzir drasticamente o uso de água potável, sem sacrifício da produção.

Os autores desses e de outros estudos semelhantes sabem que realocações drásticas da produção agrícola em escala global é algo utópico, impossível de se viabilizar em prazos curtos. E, embora essas previsões reflitam as melhores estimativas de como cultivos em regiões específicas serão afetados, elas são apenas previsões, certamente repletas de incertezas. Mas, ainda assim, tais estudos apontam razões suficientes para que os agricultores se protejam, ganhando capacidade para lidar com configurações mais diversificadas, complexas e sustentáveis de produção, o que os permitirá se ajustarem, quando necessário.

Um sinal de ajustes já necessários vem da União Europeia, que está prestes a implementar nova lei para impedir a entrada em seus mercados de commodities ligadas ao desmatamento. Os países da EU e o Parlamento Europeu ainda precisam aprovar formalmente a legislação, que abrangerá produtos como carne bovina, soja, café, madeira, cacau, etc. além de artigos derivados, como couro, chocolate, papel e outros. Implementada, a lei exigirá que empresas demonstrem que suas cadeias de suprimento não estão contribuindo para o desmatamento. Esse é um movimento que pode provocar uma reação em cadeia, inspirando outros países a seguir o mesmo caminho.

Garantir a segurança alimentar, adaptando-se às mudanças climáticas e preservando o meio ambiente se tornou desafio central para a humanidade. Desafio que torna premente ampliar a correspondência entre a agricultura e os preceitos da sustentabilidade — o que leva à conclusão óbvia de que fatores como carbono, biodiversidade e água se tornarão os principais definidores dos espaços a serem ocupados pela produção de alimentos no futuro.